

## **SOBRE A MEMÓRIA EM FREUD: UMA INTRODUÇÃO**

Lílian Braga dos SANTOS

(Orientadora): Profa. Dra. Nina Virgínia de Araújo Leite

**RESUMO:** Este trabalho consiste na conclusão do primeiro ciclo da pesquisa que estamos realizando. A proposta dessa pesquisa é abordar a memória e os conceitos que a norteiam segundo a perspectiva psicanalítica. Neste texto, especificamente, apresentamos o início da preocupação de Freud com a questão do registro, bem como a maneira pela qual o autor concebe a memória. Preocupamo-nos também em levantar os aspectos que confirmam a centralidade da memória na abordagem do aparelho psíquico.

**Palavras-chave:** *Memória, Psicanálise, Freud, Registro, Traço de lembrança.*

### **Introdução**

A memória é um objeto de interesse científico, tradicionalmente reconhecida como objeto de estudo das ciências do cérebro. No entanto, questões que cercam o tema memória escapam ao domínio das Neurociências. Procurando respostas às questões relativas à memória e ao seu funcionamento, estudiosos das mais diversas áreas do saber buscaram desvendá-la, entendendo-a além da ordem do mental e do biológico, tomando-a enquanto propriedade de conservar informações. Assim, vista como registro, a memória torna-se objeto de interesse de várias áreas.

Nessa perspectiva, a psicanálise também está entre as áreas nas quais a memória constitui-se como objeto de interesse. O objetivo deste trabalho é iniciar um estudo sobre a memória na psicanálise, apontando os pressupostos teóricos que por ela são admitidos. Para tanto, partimos da leitura de alguns textos de Sigmund Freud. Sem a pretensão de apresentar uma teoria freudiana da memória, preocupamo-nos em levantar aspectos que confirmam a centralidade desta na abordagem do aparelho psíquico e apresentamos a originalidade da concepção de memória trazida por Freud.

### **Freud e o registro**

Segundo Thomas-Quilichini (1997), no texto sobre as afasias Freud realiza indagações sobre a fixação das sensações. Trata-se do início da preocupação

com o registro dos estímulos. Nesse momento, Freud procurava responder a relação que o psíquico manteria com as excitações provenientes do que é exterior ao corpo. Com o conceito de *pulsão* [*Trieb*] é possível pensar não apenas na relação do psíquico com o exterior do corpo, como também na relação que o psíquico mantém com as excitações vindas do interior do corpo. A pulsão, conforme Freud (2004a), seria um estímulo para o psíquico, um estímulo que não provém do mundo externo, mas do próprio interior do organismo. A ação como força constante e a proveniência de fontes de estímulo no interior do organismo são as duas principais características pelas quais, inicialmente, Freud descreve a essência da pulsão. A essas características podemos somar a seguinte observação:

“(...) a *pulsão* nos aparecerá como conceito-limite entre o psíquico e o somático, como representante psíquico dos estímulos que provém do interior do corpo e alcançam a psique, como uma medida da exigência de trabalho imposta ao psíquico em consequência de sua relação com o corpo” (FREUD, 2004a:148).

Nessa passagem, além de caracterizar a pulsão, o autor afirma que ela se faz presente na psique enquanto representante psíquico dos estímulos que provém do interior do corpo. Assim, compreendemos que a pulsão pode inscrever-se na psique sob a forma de representantes<sup>1</sup>.

O conceito de representação é fundado por Freud sobre dois termos distintos na língua alemã: *Repräsentanz* e *Vorstellung*. No entanto, na língua portuguesa, encontramos apenas um termo: representação. Sendo assim, parecemos necessário distinguir, bem como articular representância [*Repräsentanz*] e representante [*Vorstellungen*]. Enquanto que este designa a representação enquanto *suporte*, aquela designa a representação enquanto *função* de representar. De acordo com Thomas-Quilichini no texto *Pulsão e destinos da pulsão* a pulsão não comparece apenas enquanto representância dos estímulos provenientes do interior do corpo, como também suscita o advento das representações [*Vorstellungen*], mais especificamente, dos representantes pulsionais [*Triebrepräsenzen*]. O registro desses representantes no aparelho psíquico é tratado por Freud no texto *O Inconsciente*.

Freud (2006) afirma que o registro acontece em regiões do aparato psíquico, em instâncias identificadas enquanto sistemas. Assim, temos, a princípio, o sistema inconsciente (*Ics*) e o sistema pré-consciente (*Pcs*). Nesses dois sistemas acontecem processos de naturezas distintas. Conforme Freud, no âmbito do *Ics* não há lugar para a negação, não existe nele contradição, antes,

---

<sup>1</sup> A pulsão inscreve-se na psique sob a forma de representantes, no entanto, o representante não é a pulsão em si. Existe algo que escapa a representação, dando a esta parcialidade em relação à pulsão.

tudo o que podemos encontrar no *Ics* são “conteúdos preenchidos com cargas de investimento que podem ser mais ou menos intensas” (FREUD, 2006: 37). As cargas de investimento são passíveis de mobilidade, esta se dá pelo processo de *deslocamento* e pelo processo de *condensação*. Os processos do sistema *Ics* são atemporais, ou seja, não se encontram organizados em relação ao tempo, de maneira cronológica. Além disso, os processos do *Ics* não levam em consideração a realidade. Existe uma substituição da realidade externa pela realidade psíquica. Já ao *Pcs*, segundo Freud, também composto por representantes ideacionais, cabe inserir uma ordem temporal nos conteúdos ideacionais, bem como introduzir censuras (negações) e submeter os representantes ao que Freud chama de *teste de realidade*. Embora os dois sistemas apresentem processos de características tão distintas, a passagem de um registro do *Ics* ao *Pcs* não implica em um novo registro, mas na mudança funcional de estado. Assim, não existe um registro paralelo ao registro inconsciente original da idéia [*Vorstellung*] que passa do *Ics* ao *Pcs*.

Tanto as excitações internas quanto os estímulos externos são passíveis de registros. Entendemos que a pulsão articula o psíquico e o interior do corpo, de forma que os representantes pulsionais constituem registros daquilo que aparece enquanto excitação proveniente do interior do organismo. Esses registros compõem o próprio núcleo do inconsciente: “O núcleo do *Ics* é composto de representantes pulsionais [*Triebrepräsenzen*] desejosos de escoar sua carga de investimento” (FREUD, 2006: 37).

### **Sobre os Traços de Lembrança**

Na tentativa de abordar o registro das excitações provenientes do interior do organismo, apresentamos e discutimos o conceito de pulsão. Abordamos a pulsão e a maneira como ela se faz presente no aparelho psíquico - sob a forma de representante. Tal discussão exige que pensemos em que a representação está fundada e porque ela comparece no aparelho psíquico. As representações – as quais veiculam uma moção pulsional [*Triebregung*] – consistem em cargas investidas, basicamente, em traços de lembranças [*Erinnerungsspuren*]. Ao propor uma diferenciação entre representação e afetos, Freud escreve:

“(...) idéias consistem em cargas investidas – basicamente em traços de lembranças – ao passo que os afetos e sentimentos correspondem a processos de descarga” (FREUD, 2006: 30).

Por meio dessa citação, além de confirmarmos o fato de que o representante pulsional é dotado de carga de investimento, chegamos a um ponto crucial neste trabalho: *o traço de lembrança*. Visto que é sobre o traço de

lembrança que as representações têm suas cargas de investimento, parece-nos interessante examinar ao que esse conceito faz referência. Para tanto, retomamos a carta 52 que Freud escreve a Fliess em 1896. Nessa carta o autor depreende a formação do aparelho psíquico e sugere o funcionamento da memória, ele escreve:

“(...) estou trabalhando com a hipótese de que nosso mecanismo psíquico tenha se formado por um processo de estratificação: o material presente sob forma de traços mnêmicos fica sujeito, de tempos em tempos, a um rearranjo de acordo com as novas circunstâncias — a uma retranscrição”. (FREUD, 1986: 208).

Os traços de lembrança, traços mnêmicos, correspondem a um certo material que toma a forma de traços para se fazer presente. É através do traço de lembrança que o acontecimento psíquico é registrado de forma permanente na memória. O traço [*Spur*] é sempre um rastro, uma marca que em si mesmo não retém acontecimento, lembrança. Se desligados uns dos outros, na maneira como eles existem, os traços não podem ascender à lembrança. Segundo Le Gaufey, assim como a representação é forjada por representantes, “a lembrança [Erinnerung] é forjada por traços de lembranças [Erinnerungspuren]” (LE GAUFEY, 1992: 62). Dessa maneira, quando um traço é colocado em ligação com outro, desde que um valha por outro, ele perde a qualidade de traço para ser integrante de uma lembrança - que é sempre uma representação. O traço é, portanto, uma marca, um rastro da lembrança, a qual é ascendida a partir da ligação dos traços. Ao falar de traços de lembranças Freud coloca em cena, mais uma vez, a questão da memória. Esta corresponde à memória de *traços mnêmicos* e não a lembrança de acontecimentos<sup>2</sup>.

Quando Freud fala de processo de estratificação – maneira pela qual o mecanismo psíquico é formado – entendemos que os arranjos pelos quais os traços mnêmicos estiveram sujeitos não são apagados, na medida em que novos arranjos acontecem, antes, os arranjos são registrados, constituindo assim o processo de estratificação. O reordenamento dos traços mnêmicos e o registro dos rearranjos respondem a própria formação do aparelho psíquico, de forma que o mecanismo psíquico pode ser abordado enquanto efeito dos diversos rearranjos aos quais os traços mnêmicos estiveram sujeitos. Dessa maneira, o aparelho psíquico encontra-se em íntima relação e na dependência dos traços mnêmicos, permitindo-nos afirmar que a memória é pré-condição para a formação do aparato psíquico e não uma propriedade deste.

Ainda na Carta 52, Freud afirma que a memória é registrada em vários tipos de indicações. Segundo o autor, existiriam no mínimo três registros, além

---

<sup>2</sup> O próprio Freud, no texto *O Inconsciente*, pede que não se confundamos a memória consciente com os traços de lembrança.

das percepções. É na reduzida descrição que Freud apresenta das percepções e dos três registros que encontramos sua concepção de memória. Retomemos a proposta do autor:

“W [Wahrnehmung (percepções)] são os neurônios em que se originam as percepções, às quais a consciência se liga, mas que, em si mesmas, não retém nenhum traço do que aconteceu. E isso porque *a consciência e a memória são mutuamente exclusivas*.

Wz [Wahrnehmungszeichen (indicação da percepção)] é o primeiro registro das percepções; é totalmente inacessível à consciência e se organiza de acordo com associações por simultaneidade.

Ub [Unbewusstsein (inconsciência)] é o segundo registro, disposto de acordo com outras relações, talvez causais. Os traços Ub talvez correspondam a lembranças conceituais; é igualmente inacessível à consciência.

Vb [Vorbewusstsein (pré-consciência)] é o terceiro registro, ligado à representação de palavra e correspondente a nosso ego oficial. As catexias provenientes de Vb tornam-se conscientes de acordo com certas regras; e essa *consciência* secundária do *pensamento* é posterior no tempo e, provavelmente, está ligada à ativação alucinatória das representações da palavra, de modo que os neurônios da consciência sejam também neurônios perceptivos e desprovidos de memória em si mesmos.” (FREUD, 1986: 209)

No trecho supracitado, Freud descreve o funcionamento de um aparelho de memória, o autor apresenta a maneira como se dá o registro do material psíquico. As percepções [*Wahrnehmungen*], segundo o autor, não comparecem enquanto registro<sup>3</sup>, bem como também não representam a experiência. Elas correspondem às impressões do mundo exterior. O primeiro registro acontece apenas com a indicação das percepções [*Wahrnehmungszeichen*], estas se organizam de acordo com associações de simultaneidade. Já o segundo registro corresponde à inconsciência [*Unbewusstsein*], ele não mais se organiza de acordo com as relações de simultaneidade, mas provavelmente dispõe-se de acordo com relações de causalidade. O terceiro e último registro do material psíquico é o da pré-consciência [*Vorbewusstsein*], o qual se liga a representação de palavra.

A memória não está em relação com o que é provido de consciência (percepções), mas sim com os registros de caráter inconsciente, reafirmando a formulação freudiana de que *consciência e memória são mutuamente exclusivas*. Esta é a originalidade da concepção freudiana quanto à memória: o seu caráter inconsciente. Enquanto Freud aproxima-se dos estudos que têm sido destinados a compreender a memória e o seu funcionamento ao abordar a

---

<sup>3</sup> Compreendemos que a percepção não pode ser um registro do material psíquico por duas razões complementares: primeiramente porque em si mesma ela não retém nenhum traço de lembrança e, em segundo lugar, porque as percepções ligam-se a consciência e, segundo Freud, “a consciência e a memória são mutuamente exclusivas” (FREUD, 1986: 209).

questão dos registros – embora o autor levante a questão do registro que provém do interior do organismo -, ele desvincula-se de outras concepções de memória ao afirmar o caráter inconsciente dela. À determinação inconsciente da memória, podemos somar a maneira como ela comparece. Uma vez que os traços mnêmicos estão sujeitos a uma retranscrição, a memória não poderia se fazer presente de uma só vez, mas sim, como diz Freud, ao longo de diversas vezes. Dessa maneira, a memória freudiana caracteriza-se pela relação que ela mantém com a inconsciência e pela presença dela ao longo de diversas vezes.

Os registros do material psíquico acima descritos representam conquistas psíquicas de fases sucessivas da vida. Na fronteira entre duas fases é preciso que ocorra a tradução do material psíquico, de maneira que o que estava ordenado sob certas correlações passa a ser ordenado sob outras correlações. A tradução é, portanto, equivalente as retranscrições. Cada transcrição posterior inibe sua predecessora e esgota seu processo excitatório. Caso não ocorra transcrição, a excitação continua a obedecer às leis do período anterior. O “recalcamento” é entendido enquanto recusa de uma tradução que geraria desprazer. A tradução do material psíquico que começasse a gerar desprazer seria inibida e, portanto, não completada. Trata-se do que Freud chama de defesa patológica determinada pela natureza sexual do evento e pela sua ocorrência numa fase anterior.

A idéia de defesa permanece quando Freud aborda o recalque em si – no texto *O Recalque*. Segundo Freud (2004a), é possível pensarmos os destinos das pulsões como se fossem modos de defesa contra as pulsões, dessa maneira, encontramos quatro formas pelas quais o organismo defende-se da pulsão, são elas: a transformação em seu contrário, o redirecionamento contra a própria pessoa, a sublimação e o recalque. Este tem como essência a ação de repelir algo para fora do consciente, bem como manter afastado dele. O recalque é um processo de defesa que ocorre na fronteira entre o *Ics* e o *Pcs* de forma a operar sobre os representantes que se encontram nesses dois sistemas, no entanto, “o recalque só perturba a relação com o sistema psíquico consciente: (ele) não impede que o representante pulsional continue existindo no inconsciente” (FREUD, 2004: 179). Considerando que esquecer também constitui memória, talvez possamos pensar o recalque não apenas como defesa, mas também como mecanismo do esquecimento.

### **Considerações Finais**

Procuramos, neste trabalho, elencar elementos que norteiam a idéia de memória na psicanálise, mais especificamente, na obra de Sigmund Freud. Identificamos a preocupação desse autor com os registros que provém do interior do organismo e discutimos a noção de memória inconsciente proposta

por Freud. Os textos que tomamos como base não são os únicos nos quais podemos encontrar referências sobre as reflexões de Freud acerca da memória. É por isso que damos a este trabalho a característica de iniciação. Ele representa o começo de um estudo sobre a memória na psicanálise. Muitas interrogações acerca do que propomos discutir permanecem em aberto, todavia, não foi nossa intenção exaurir uma certa concepção de memória. Não vislumbramos a completude, o fechamento, antes procuramos apresentar pontos que julgamos importantes quando falamos da proposta da memória de Freud.

---

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- FREUD, Sigmund (1896). *Carta 52 in A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1986.
- \_\_\_\_\_. (1915). *Pulsões e destinos da pulsão* in *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente, Volume I*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2004 (a).
- \_\_\_\_\_. (1915). *O Recalque* in *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente, Volume I*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2004 (b).
- \_\_\_\_\_. (1915). *O Inconsciente* in *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente, Volume II*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2006.
- LE GAUFÉY, Guy. *Representação Freudiana e Significante Lacaniano*. *Dizer*, Rio de Janeiro, Vol.6, p. 62 – 82, 1992.
- THOMAS-QUILICHINI, Josiane. *O Conceito de Representação* in *Dicionário de Psicanálise: Freud e Lacan*, Vol. 2. Salvador: Ágalma, 1997.